

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, ETC.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	-6. FEV. 1980
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Pintasilgo lança cravo vermelho a Vasco Lourenço

Lurdes Pintasilgo saudou, na noite de ontem, «o povo e os capitães de Abril», lançando um cravo vermelho a Vasco Lourenço, entre os presentes num colóquio encarado de «homenagem» à ex-Primeiro-Ministro.

A sessão realizada na «Voz do Operário» atingiu rapidamente um tom característico dos tempos da vitória do MFA. A homenagem usou frequentemente a terminologia dos sectores políticos que defendem — ou defenderam em passado recente — o «vanguardismo» do MFA no processo democrático. «A esperança que nos habita é um cravo vermelho que vai de mão em mão», disse a dado passo da sua intervenção.

Presentes elementos do Conselho de Revolução, do PCP, MIB, UECR e PS, além de personalidades de organizações católicas. Entre os discursos de homenagem, salientou-se o de Rui Grácio, ministro do Governo Pintasilgo.

Ao falar da sua «tarefa» de 1 de Agosto de 1979 a 3 de Janeiro, Pintasilgo invocou a qualidade e pensamento de cristã, o que nunca fizera enquanto no Executivo. Reivindicou-se da «Igreja e não de capelas», uma Igreja que na sua expressão é de «limiar»: «estamos todos a aprender constantemente a ser cristãos».

«Nenhum cristão se salva sozinho, mas salva-se e vive como parte de um povo» — disse Lurdes

Pintasilgo.

O público gritou a palavra de ordem «MFA» e cantou «Crândola Vila Morena», rematando com «Lurdes Pintasilgo, o povo está contigo».

Como tem sido hábito nas suas intervenções, Pintasilgo concluiu o discurso com um poema «Cântico da Terra», de Miguel Torga — frisando que «o caos é de toda a humanidade», «grande é o futuro por nascer» e «é uma ponte de sonho que te lanço, passa por ela irmão».

«Bispos e clero miúdo»

Rui Grácio, «sem Igreja, sem partido e de esquerda» como se qualificou, apontou o que «a direita não lhe perdoou». Em seu

entender, a direita não perdoou a Pintasilgo o «modo pós-conciliar de ser cristã», a «tolerância, não assumindo o discurso antigo do Poder», a «expectativa benevolente dos trabalhadores e partidos de esquerda» e «a prática, com sinais evangélicos, de estar menos com os ricos e mais com os pobres».

Em suma, disse Grácio, «a direita não lhe perdoou que fossem renovadas as esperanças de Abril», e sobretudo, «os bispos e muito clero miúdo, cúmplice do Poder, foram afrontados pela primeira vez, depois do 25 de Abril, por ter sido dito que não há uma questão religiosa neste País, mas uma questão política e social».